

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 18 DE FEVEREIRO DE 1888
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 161

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,
Urhuano Duarte,
Lepoldo Cabral e Candido Juca

GERENTE

Ismael Marinho Falcão

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	Gêôô
Echos e reflexos, poesia...	Augusto de Lima
Hehe immortal, poesia...	Raul Pompeia
Lucio de Mendonça.....	
Escreptores do Norte do	
Brazil.....	Franklin Tavora
Dous vasos, poesia.....	O. Duque-Estrada
Bolhas de sabão.....	Candido Juca
Sempre eu, poesia.....	Raymundo Corrêa
Força velha.....	Araripe Junior
Rimas, soneto.....	A. Celso Junior
Nivelado.....	Domício da Gama
As rugas, soneto.....	E. de Barros
Bellas artes.....	Emanuel Karnero.
Escrinio, soneto.....	H. de Magalhães
Expição, poesia.....	Luiz dos Reis
Um marido.....	Lahore
Crise psychica, soneto...	I. Martins Junior
Na roça.....	Virgilio Varzea
A natureza, poesia.....	E. de Carvalho
Deus, soneto.....	H. de Carvalho
Factos e noticias.....	
Theatros e diversões.....	
Collaboração — Scenas po-	
pulares no Ceará.....	Rodolpho Theofilo
Diversas publicações.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE E NICTHEROY

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus dehitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarfos da *Semana* os Srs. :

Dr. Virgílio Brígido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.
F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como hrinde :
— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde :

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

HISTORIA DOS SETE DIAS

O carnaval é uma festa esplendida, digam o que quizerem os pessimistas, mas é preciso que seja carnaval *carnaval*, como foi o deste anno. Quando esta festa popularissima, porém, consiste apenas no *entrudo*, ou, por melhor dizer, em agua, mais ou menos limpa e fria, atirada sobre os que passam, cheios de fadiga e banhados em suor, então deixa de ser um divertimento para ser uma sandice, transforma-se de gracejo em crime, porque é a origem de muitas molestias, quasi sempre de prognostico muito grave.

Em boa hora o chefe de policia lembrou-se de ser o maior folião do entrudo, pondo agua fria na fervura do entusiasmo de todos os foliões desta cidade. O facto de ter conseguido a extincção deste barbaro brinquedo, é para o chefe um grande motivo de gloria, tanto maior quanto foi o unico que conseguiu tal resultado, e isso sem barulho, sem conflictos, muito caladinho, como quem não queria a coisa.

As manifestações parece que cessaram de todo nesta côrte, por que não me consta que alguém tenha projecto de fazer alguma ao Sr. Coelho Bastos. Pois olhem que elle bem a merecia.

Disse que o carnaval foi bom : rectifico : foi optimo.

As sociedades carnavalescas, qual dellas mais espirituosa, mais rica, mais

cheia de esplendor, reanimaram-se, depois de morto o entrudo, e vieram deslumbrar cá fora o povo que os acolhia cheio de admiração e de prazer, batendo palmas e dando *vivas*. Si alguém tentar emitir uma opinião franca sobre qual dellas levou a palma á outra, ha de forçosamente sentir-se em difficuldades serias porque, si os Democraticos por exemplo, foram os primeiros no espirito das criticas que apresentaram, os Fenianos os excederam no luxo, no apurado gosto das vestimentas que trajavam.

Pelas ruas, e afóra as sociedades, foram os carnavalescos em tudo eguaes aos dos outros annos, diminuindo o numero dos classicos *diabinhos*, em cujo disfarcese occultavam muitos caposiras e gatunos, e aumentando consideravelmente o dos *dominós*.

E' ainda forçoso reconhecer que houve alguns mascaras de espirito, e entre elles, eu citarei um *dominó* escarlate que esteve no Cafe da Armada e que por algum tempo trouxe os circumstantes em continua hilaridade, pela graça com que conseguia expôr a chronica de alguns typos, sem offender-os nem magoar-os. O Dr. 2º delegado de policia não escapou ao engraçado mascara e hem o nosso amavel « Souvenir » a quem elle appellidava Gregorio Manequim de Souvenir, e que com toda a calma e sempre risonho o ouviu até que elle resolveo-se a deixalo em paz.

O carnaval revive, por conseguinte, do nada a que ficou reduzido o entrudo.

Passou despercebido o suicidio de mais uma criança, filha do general Portocarrero. Um excellento menino, que eu conheci, e cuja morte pranteio. Não commento este acto, que elle, em si proprio extraordinario, está acima de toda a consideração que porventura me aprovesse fazer.

Uma criança de excepcional talento conseguiu dos pais que o transformassem em *bilontra*, e por essas ruas andou a encher de admiração a todos, pela vivacidade com que respondia aos que, por acaso, o interpellavam, ou pelo espirito com que tratava aquelles aos quaes tentava ridiculizar. Isto foi no domingo : terça-feira, havia-se feito um vacuo naquelle risonho lar donde sahira um dia antes o *bilontra*, e para onde entrara mais tarde, cheio da vaidade propria das crianças, quando conseguiu um triumpho ; terça-feira, os pais delle deixaram de sorrir : o filho morrerá. Si pode haver magua profundissima neste mundo, essa deve ser a desses pobres pais. Quem lhes diria que ao tingirem de carmin as faces do filho, haviam de vel-as, horas depois, profundamente empallecidas pela mão

inexoravel da morte, contra a qual nem tem poder o amor de uma pobre mãe, nem a força de nm pai extremo ?

A criança morta, vio, talvez, uma só vez, o carnaval em sua vida. Ainda bem que não chegou a reconhecer que naquelles trez dias é justamente quando a gente se desmacara, que a vida toda é um constante carnaval !

Os pais, os pohres pais, é que eu, é que todos, devemos lamentar.

Uns sentenciados que cumpriam pena em Nictheroy, acharam-se mal na prisão e alçaram a voz bradando o *libertas qua sera tamen*, pondo-se, em seguida em fuga pelas ruas da imperial cidade.

Ha por lá muito temor desses seis miseraveis que conseguiram, ferindo o guarda que lhes abria a porta da cadeia, penetrar nas mattas que circundam a capital da provincia. E parece que não ha meio de fazel-os eahir dessas mattas, nem mesmo pelo alvitre lembrado de fazel-os perseguir por matilhas de cães de caça.

Podem caçar-se por esse meio pacas, cutias ou porcos, mas o que nunca se poderá alcançar por elle é a presa de uma onça ou de um tigre, e esses seis gungetos são verdadeiras onças, eão tigres incontestaveis...

Ah ! mas que não cheguem, como já se disse que haviam feito, que não cheguem á Engenhoca ! Ahi existe a musa sagrada do sympathico poeta Alberto Oliveira. Saqueem, devastem o profano, mas não sejam sacrilegos.

Ainda estou commovido, sinto-me ainda tremulo da consternação provocada em mim pela rapida leitura, que fiz, do edital da policia, convidando a gente desocupada a tomar a farda e a empunhar o chanfallo de praça.

O secretario tenente usa de tal linguagem, tão triste, tão melancholica, que a gente sem querer, fica triste.

— « Um emprego tão bom, meus senhores, tão suave no trabalho, tão cheio de recompensas, e os senhores deixam-se ficar em casa, vadios, e não preenchem o claro que existe de 162 praças ! 162 logares a preencher ! E' com effeito, admiravel isto, quando é sabido que para uma vaga só apresentam-se, ás vezes 200 ou 300 candidatos. E depois não é só isso : são todos elles logares de accesso. A simples praça terá 1\$700 e mais 590 reis de etapa ; o cabo terá isso e mais a quinta parte, e assim por diante, gradativamente.

Um pau por um olho ! Aposto 100 por 1 que o *claro*, tão lamentado pelo tenente, em pouco será tão negro como, pelo menos, a illustre carapinha do principe Obá, que tambem é militar.

GEVE.

ECHOS E REFLEXOS

Ao nascer cada um recebe
Um prisma risonho ou triste:
Por elle vê quanto existe
Na propria impressão que bebe.

Não raro a vista mais fina
Se illude, e aquillo que vemos
E' uma imagem que trazemos
Gravada em nossa retina.

Si, as costas á luz voltadas.
Andamos, eis que adiante
Uma sombra itinerante
Nos guia em nossas jornadas.

Falas aos echos? As phrases
Dos echos soltas disjunctas
São outras tantas perguntas
A's perguntas, que lhes fazes...

Comnosco os destinos jogam,
Mudando os berços em lousas:
Interrogamos as cousas
E as cousas nos interrogam.

Si lanças teus olhos a esmo
Em qualquer ponto da terra,
Cada phenomeno encerra
Uma porção de ti mesmo.

Mas si na vaga defesa
Da alma deres um mergulho,
Apezar do teu orgulho,
Naufragarás com certeza.

Nessa vaga escura, immensa
Morrerás, novo Leandro,
Mesmo vestindo o scaphandro
Quer da razão, quer da crença.

AUGUSTO DE LIMA.

HEBE IMMORTAL

Quando cessassem no ar os canticos
da vida; e fosse o sol um cadaver, o
firmamento um sudario aberto, o uni-
verso todo um espectáculo de deolação
e de pavor;

E fosse o espaço um chaos de inpre-
cações longinquoas, gemidos estrangu-
lados, espolio de infinitas queixas das
gerações do soffrimento: acabados para
sempre;

E a noute eterna do fim das cousas,
passado o longuissimo crepusculo das
decadencias, houvesse, na garganta ne-
gra, absorvido o dia ultimo da criação;

Tu viverias ainda, oh Hebe! para
acordar os ditbyrambos mortos; ob-
mocidade! para saudar a treva cum-
plice out'ora das festas e das loucuras
com a taça de ferro das tuas lihações.

RAUL POMPEIA

Lucio de Mendonça

De passeio, acha-se entre nós o illus-
tre escriptor Dr. Lucio de Mendonça.
Poeta de eleição, *conteur* dos mais feste-
jado, e querido, entre este meio, que
actualmente impulsiona a nossa men-
talidade, o distincto moço é uma das
individualidades litterarias que mais
se distingue por sua orientação o pelo
seu methodo artistico.

A *Semana* que sempre se honrou com
a collaboração do illustrado escriptor,
e que, nesta outra sua phase, acaba de
receber a segurança de continuar a
reche-la, corteja ao estimavel amigo.

Escriptores do Norte do Brazil

DR. A. GONÇALVES DIAS

A poesia indiana não era nova no
Brazil quando fez o seu apparecimento
a musa privilegiada de G. Dias. Nas-
cera primeiro no sul com José Bazilio
da Gama e Santa Rita Durão, poetas
mineiros. Não tiveram porém echo;
morrera com estes poetas. Que outro
poema seguiu o *Uruguay* e o *Caramurú*?
Nenhum que eu saiba. Por cima destes
monumentos colonias passou-se um
seculo. A inspiração americana apagou-
se no sul como se apagarão os
Tamoyos, e tantas outras familias de
indios da região austral ou occidental
do Brazil.

Quando tudo neste sentido parecia
extincto, excepto as duas citadas epo-
péas mineiras, uma grande voz fez-se
ouvir e logo attrahiu, pela suavidade e
originalidade, a geral attenção. Vinha
do norte a singular harmonia, que a
todos impressionou singularmente.

Era a voz do poeta maranhense que
revelou desconhecidas fontes de gran-
deza nacional. Onde estavam occultos
tão valiosos thesouros? Assim como
nos *sambaquis* e cavernas se vão desco-
brindo de dia em dia, em utensis e armas
de pedra, documentos por onde a an-
thropologia vai lendo a physiologia de
nações desaparecidas, assim tambem
no vocabulario e nos nos domesticos
ou guerreiros dos selvagens que deram
assumpto aos cantos do novo poeta, se
deparou ao artista uma inspiração
nova, grandiosa e bella que vibrou gra-
ciosamente, e foi uma como semente
donde germinaram outras inspirações
radiantes—revelações do sentir de uma
raça que parecia de todo morta, mas
depressa resurgiu como uma visão que
a todos encbeu de grato assombro.

Tinha verdadeiramente nascido o
indianismo. O que antes deste existia
eram duas concepções certamente me-
ritorias, mas não communicativas,
duas concepções amorphas que não vi-
vibraram.

Pois não foi por falta de animação.
Naquelle tempo em que Portugal nos
dava o tom a tudo, o mais autorisado
papa não teve força, com haver entre-
visto o manacil deslisando desconhe-

cido debaixo da vegetação grandiosa
do novo mundo, para compellir as mus-
as brasileiras a afinarem pela nova
harmonia os seus instrumentos.

Do *Caramurú* escrevera Garret:

« O assumpto não era verdadeira-
mente herico, mas abundava em re-
quissimos e variados quadros, era vas-
tissimo campo sobre tudo para a poesia
descriptiva. O auctor atinou com mui-
tos dos tons que deviam naturalmente
combinar-se para formar a harmonia
de seu canto; mas de leve o fez: só se
estendeu em os menos poeticos o'je-
ctos; e d'ahi esfriou muito do grande
interesse que a novidade do assumpto
e a variedade das scenas promettia.»

Do *Uruguay* ajuizára o mesmo escri-
ptor:

« O *Uruguay* de José Bazilio da Gama
é o moderno poema que mais merito
tem na minha opinião. Scenas naturaes
mui bem pintadas, de grande e bella
execução descriptiva; phase pura e
sem affectação, versos naturaes sem
ser prosaicos, e quando cumpre subli-
mes sem ser guindados; não são quali-
dades communs. Os brasileiras princi-
palmente lhe devem a melhor corôa da
sua poesia, que nelle é verdadeira-
mente nacional, e legitima americana.
Mágoa é que tão distincto poeta não
limasse mais o seu poema lhe não desse
mais amplidão, e quadro tão magnifico
o acanhasse tanto.» (1)

A sentença porém proferida sobre as
poesias americanas de G. Dias, por um
juiz do mesino porte de Garret, por
Alexandre Herculanoo, teye bem di-
verso effeito. Está concebida em poucas
linhas, mas accusa o pezar que possui
o juiz, de não serem bastante nume-
rosos, as *poesias americanas*, tamanbo
encanto lhes acabou. « Quizeramos—
escreve A. Herculanoo—que as *Poesias
Americanas*, que são como o portico do
edificio, occupassem nelle maior es-
paço.»

Lamenta que os poetas transatlanti-
cos, em vez de se inspirarem e nutrirem
das riquezas naturaes do Novo Mundo,
se mostrem ainda possuidos de remi-
niscencias da Europa.

E conclue o seu juizo, transcrevendo
por inteiro duas poesias, a primeira
puramente indiana, a segunda eminen-
tamente local—« O canto do Guerreiro»
e o « M'oro do Alecrim.»

A nova escola litteraria propaga-se. Do
norte estende-se ao sul onde Magalhães
—o primeiro epico austral e o fundador
do romantismo no Brazil, passa a pro-
fessal-a; e o que não tinha realisado a
leitura do *Uruguay* e *Caramurú*, não
obstante serem geralmente apreciados,
conseguiram as poesias americanas de
G. Dias: Magalhães mette hombro a
seu poema *A Confederação dos Tamoyos*
que teve a honra de ser impresso por
conta de Sua Magestade o Imperador,

FRANKLIN TAVORA

(Continúa)

(1) Garret, *Bosquejo da historia da poe-
sia e lingua portugueza*, pag. 209 e 211.

DOUS VASOS

O conviva nas festas se levanta,
E erguendo a taça em que o champagne es-
pumava.
Vai as gottas do liquido excitante
Sorvendo nma por uma!

E bebe assim continuamente
Emquanto inteiro o vaso não se esgota,
E soffrego por fim virando a taça
Bebe a ultima gotta.

Do meu peito tambem roubaste um dia
Do rubro vaso d'ouro a flor mais pura,
E pagas tanto amor, tantos carinhos
Com tanta desventura!

—Como á taça que o liquido transborda
Bebe o conviva alfojarada espuma,
Bebeste as illusões da minha vida
Tambem uma por uma!

OSORIO DUQUE ESTRADA

BOLHAS DE SABAO

Como era bello aquillo!
Uma encantadora nuvem de crianças,
risonhas, vivas, rubentas como moran-
gos, num delicioso revoar de andori-
nhas, a esfusiarem na despreocupação
absoluta da vida infantil!

Era uma galhofada transparente de
risadas crystallinas, um sussurro te-
pido de vai-vem rodopiante, a azafania,
emfim, do moto continuo, coisa que
nunca foi utopia para os bebês.

Caos de louça com agua de sabão
esparso aqui e alli, e cada um daque-
les valentes soldados prussianos sope-
sando, já se vê, o respectivo e respeitá-
vel tubo de mamoneiro ou de papel, no-
deliberado e formal intuito de ver quem
teria só o topete de impellir mais alto
e com mais equilibrio uma metralha
de... sabão.

E cada um alternativamente appro-
ximava-se do pires, immergia o tubo na
solução, depois tirava-o e começava a
soprar, para cima ou para baixo, con-
forme lhe dava a bolha do adoravel
bestunto.

E a bolha de sabão ia-se formando,
ia crescendo, irisava-se em annéis colo-
ridos de amethysta, de esmeralda e de
rubi, depois desprendia-se, projecta-
va-se no ambiente, fluctuava, descia ou
subia conforme a pressão aerea, adejava
como um colibri de oiro e de brilhan-
tes fazendo inveja ao sol, crivando-se
mais e mais de cambiantes reflexos
metallicos, numa poeira phantastica de
triumpho, para de subito, ai de mim!
afundir-se num jacto sinistro de anni-
quilamento.

E o bambino via consummar-se esse
eclipse total, e num arrehatamento de
ventania voltava com o mesmo cantaro
á mesma fonte, e recommçava, para ou-
tra vez recommçar...

Eu assistia embevecido e quedo a
essa scena da infancia, tão vulgar, tão
simples, tão doce, flsgado pelo anzol de
uma idéa fixa, e sentindo trotar-me
pelo cerebro encandecido um pelotão de
imagens cerradas como um esquadrão
de cavallaria.

E essas imagens eram espheras que
fulguravam num relampago fulmineo
e depois entenehreciam nnn chaos
nebulosos numa successão isochronica
de pendulo.

E' que eu sem o saber, phantasiava. Como Christo deveu ter sentido do vortice da tentação de Satan, o homem despenhado na phantasia sente n'alma a vertigem voluptuosa do abysmo.

O moço naturalmente é phantasiista. Cada um de nós forja nas officinas da illusão immaculada a bolha de sabão que a linguagem humana denomina sonho doirado.

Coração safaro é rocha que não tem toque para nós.

O ideal de um moço, abominavel crime! é a crystallisação do que ha de mais puro, de mais bello, de mais generoso e de mais sublime no planeta da esperança bumana.

Quando pensamos assim, ainda não fomos vaccinados e revaccinados pelo virus prophylatico da vida pratica.

E soprámos a nossa maravilhosa esphera de sabão, e enfunamos a branca vela do nosso batel...

Tambem nesse tempo ainda não sabemos que o Ideal humano foi varejado a repellões para o Index da civilisação social.

Um sonho, por exemplo, que ha de viajar por paizes longinquos e maravilhosos, como um personagem de Julio Verne. Outro imagina que virá a ser millionario como um principe nababo. Este pensa que será um dia um orador prodigioso e aquelle sonha que deslumbrará com os seus escriptos.

Mas no meio de tudo isso ninguém por certo cae na esparrela de sonhar que um dia acordará!

E deixamos vogar á flux do lago azul da phantasia o mimoso batel das illuções... a vaporosa bolha de sabão...

Sabito... *rac!* sinistro pela proa!... A bolha de sabão extingui-se no vendaval. Desabou sobre ella o temporal desfeito da vida pratica e cavou-se fremeamente a vaga da realidade.

Agora restam, quando muito, estilhaços de esperança e fragmentos de phantasia. Tudo o mais volatilizou-se na ebulição do nada.

E a lagrima sabêa da dor começa então a porejar do coração do moço, e o vinco somôrio da desgraça começa a sulcar-lhe a fronte, e o olhar principia a espelhar em reflexos baços e ardentes a tensão do raciocinio cerrado que lhe vai pelo cerebro, e o primeiro fio de cabello encanece, e o riso converte-se na curva fluctuante e glacial da duvida e da ironia.

Mas um dia jámais coincidirá com outro dia, e amanhã de novo surgirá no sol ridente e claro da existencia outra inflorescencia humana, outra geração de chrysalidas infantis, a qual por sua vez tambem será rubenesca, sadia e palpitante e latejará no infinito oceano da phantasia.

Ah! decididamente a Vida é a Phenix mythologica!

Que bella coisa a aurora rosicler da infancia! que bello sol o sol rutilo da manhã do homem!

E scismando assim, eu contemplava num recolhimento ascetico as cabriolas reaes daquellas destemidas criaturas.

Mas finalmente despertei, e lavado em ondas de santo rubor aqui estou de ponto em branco para protestar em publico e raso contra o accesso sentimental que me accommetteu como uma onda apoplectica.

Ego sum qui sum.

Forte para a lucta!

CANDIDO JUCA'

SEMPRE EU

Ha alguem, que te segue e em te seguir não cança,
A teus olhos occulto, e, amando-te creança,
Vê um rastro celeste em cada passo teu;
E esse alguem, que delira e vive só de amar-te,
Esse alguem, que, febril, te segue em toda a parte,
Desculpa-me, sou eu.

Um dia no sofá dormias indolente,
E outro labio roçou o labio teu dormente,
De leve, e lacteo e nũ, teu seio estremeceu;
Sem corar, acordaste ao toque ardente e terno,
Suppões, que foi, talvez, um osculo materno...
Enganas-te, fui eu.

E quando, inda mais tarde, em dias bem distantes,
Tremereis de prazer teus olhos scintillantes
De noiva, sob o alvor do immaculado véo,
E um moço te dissér depois na alcova: — «Eu posso
Beijar-te agora, és minha, eu amo-te!... — «Esse moço
Quem sabe, serei eu!

1879.

RAYMUNDO CORREA

FORÇA VELHA

O velho Miguel, tomado do costumeiro ataque de asthma, tossia, esgrouviado; e, no auge da impaciencia, por entre a suffocação que o matava, imprecava o Cosme, que havia mais de uma hora andava a correr atraz das cabras para que entrassem no xiqueiro.

Os animalejos, damnhinos e irritadiços, precipitavam-se, a cada instante, de um lado para outro do terreiro, berrando; e, perseguidos, ora pelo endiabrado menino, ora pelo cão, de vez emquando, varavam a sala deitando por terra bancos, tamboretos, garrafas e cangirões. Por ultimo, como que em resposta ás injunções injuriosas de um, e aos latidos insistentes do outro, atravessaram o alpendre, de roldão, atiraram de pernas para o ar um moxo, em que estava a almofada de rendas de bilros marcados, e foram trepar-se na mesa de cedro, formando um grupo de defeza. A tulha de pratos de louça azul, que ali tinham posto de vespera, lavada e bem arejada, inclinou-se primeiro como uma pequena torre de Piza; depois, desequilibrando — despejou-se no barro, produzindo um harulho horrivel de cacaria espalifada.

O paralytico, que ouvia tudo, já quasi em apoplexia, bolsou um nome, que fez o menino cahir de susto.

— Que demonio de quizilia! Hoje o diabo amanheceu solto? Ind'agora eram os porcos...

E esgançando-se em voz de tiple, chiada e espectorante:

— O' Salú! Salú! ó Salú!

Uma voz timbrada e sonora acudio logo ao chamado; e, ao mesmo tempo, do lado de fóra, pela janella, mostrou-se um rosto moreno, redondo, sympathico, ligeiramente tocado de bexigas.

— Olha o capêta, Salú... ou eu atiro-lhe a mulêta.
Salú, ou antes Salustina, entrou desencalmada e fresca. A rapariga voltava do correjo com a saia de chita e cabeção quasi pegados ao corpo, o cabelo

grosso, curto e basto, unido em pastas pela agua que escorria; batento com os tamancos na soleira da porta, ella inclinou a cabeça e o tronco para o lado, torceu a trança de que deslisaram as ultimas gotas d'agua, e sacudindo a juba para as amplas costas, em um movimento de hombros, como só as mulheres sabem fazer, investio o Cosme com um gesto de colera matinal.

O menino, lesto e cheio de petulancia, evitou o puchavante de orelha trepando-se para a mesa, de donde as cabras saltaram do terreiro, passando pelo peitoril da janella.

— Não me dê, siá Salú! Vosmincê não é minha mãe.

Essa petulancia ingenua do rapaziño, unida ao bem estar que o banho produzira naquella natureza planturosa, acabou por quebrar-lhe a raiva e obter o perdão da travessura. Seus olhos, que já tinham frisado o chiqueador pendente do armador da rêde, baixaram sobre o menino, condescendente brilhantes de amor materno, esgarçando-se apenas em um remoque acompanhado de um franzimento de canto de bocca e de uns estalos gutturaes, como se dissessem uma reprehensão. Não era mais do que metter-se em casa um cabrito engeitado, dar-se-lhe cania, comida e criação, e estar-se todos os dias a aturar desaforos como aquelles. Passa fora! Ella um dia ainda mostraria ao patife do Cosme quem é que era sua mãe.

O menino, que conhecia bastante os rompantes do coração bondoso da madrinha, coçou a cabeça franzindo a caro, e foi tratar de recolher ao cercado a criação, sem bulha nem matizada. Estalou os dedos, chamando o Foguete, que correu-lhe no encaço alegre, festivo, a lambar-lhe as mãos, á saltar-lhe nas costas, batendo-lhe com a cauda pelas pernas, e, uma vez no terreiro, em dois minutos arregimentou os animalejose correu as varas da porteira do cercado.

Neste ponto romperam da volta da estrada os sons de um chocalho. Salus-

tina, levada pela cnriosidade, levantou rapidamente o banco, collocou em cima a almofada de rendas, e poz-se a espreitar. Uma nuvem de poeira suspendia-se nos ares do lado da varjota; as primeiras figuras de um comboio delineavam-se na penumbra da estrada, ferida a furto por uma flecha de luz que dardejava pela lombada do serrote. Os sons dos chocalhos tornavam-se mais e mais distinctos e os gritos dos comboeiros cruzavam-se, iam, vinham, desafiavam, perdiam-se no espaço, formando com os choques metallicos dos cascaveis uma algazarra surda de orchestra cryptologica.

O Miguel, entretanto, cochilava encostado ao balcão da bodega, com a perna estirada para cima de um banco e a mulêta encostada ao hombro. Quando tardava-lhe o almoço, a dispepsia tomava aquella forma indolente, o o somno vinha então consolal-o dos desgostos da vida. Soabrindo os olhos, o paralytico perguntou se vinham da villa ou da varjota. Salustina com a voz aveludada pela emoção respondera com o gesto — que de baixo, e a lembrança de que porventura iam ter hospedes da praça, arripou-lhe as carnes numa temulencia voluptuosa, que lhe communicava aos olhos um brilho de ferocidade feminil indiscriptivel.

— Grande homem interesseiro! disse ella, procurando combater os proprios arrepios com uma aggressão ao caracter desconfiado do amigo. Não se me dá que você, seu Miguel, já esteja ahí pensando na espiga que vai metter no tristo que ahí vem pelo caminho.

Fosse por que fosse, suggestão mental ou habito adquirido, o Miguel estremeceira até a medula como se lhe tivessem alta lo em cima alguma cobra venenosa; e ao remoque ferino respondeu-lhe com a palavra — regateira — pronunciada entre dentes, que produziu sobre a rapariga o mesmo effeito que o choque de uma pilha electrica. Cessou tola a sua jovialidade, e, de olhos vesgos pela contrariedade, Salustina murmurou um rosario de ameaças.

— Quem lhe comeu a carne, que lhe róa os ossos, seu Miguel. Não é o que você me quer dizer? Só quem tem ciúmes é que quer bem. Não está mais aqui quem ainda outro dia podia tel-o feito arrastar-se por ahí como um tonto. O Chico Brazil andava atraz de mim; e en tão boa que não o deixei. Se soubesse, seu Miguel, a pena que tenho de você!

Aquella — pena — e aquelle — você — empregados com a inflexão por que foram, feriram no amago d'alma o amor proprio do paralytico. Uma sombra de pavor tomou-lhe o espirito, e á bocca subio-lhe todo o amargor da vida desalentada. A asthma recrudescceu, e, um accesso de tosse o pobre velho emborcou sobre o balcão quasi sem vida.

A perversidade da Salustina era, porrem, inconsciente. A caseira do Miguel era uma mulher ainda frescalhona; apezar dos seus trinta annos, das bechigas que lhe baviam tirado a primitiva lisura das faces e dos maus vestidos em que se embarrilava, guardava um porte seductor e tinha no moreno da cutis suas promessas de vida, de movimento, de deleites, que faziam endoidecer. Era justamente o que estava assassinando o paralytico. E como não havia de ser assim se diante da sua invalidez crescente via todos os dias a espanejar-se em augeos fabricitantes, em inconveniencias lubricas, em trepidações sexuaes, as formas opulentas,

não gastas, antes pouco usadas, apetitosas da trintona!

Diante do perigo imminente de um desprezo, quando segredava-lhe a consciencia muitas vezes: — Deixa a rapariga... que diabo tens com essa mulher, se não tens mais com que alimentar-lhe os autos amorosos? — o desgraçado debatia-se em ancias impossiveis, e deixava-se tomar de um desespero, que muitas vezes chegava quasi a loucura.

As considerações da Salustina, com tudo, em lugar de animal-o, ao contrario, exacerbavam-no, de modo que elle, doído de raiva, punha-se a experimentar as pernas por instantes persuadido que lhe voltaria o vigor antigo; arfava embevecido n'um pensamento de amor possível, entumecia-se todo, chamava a Salustina para ao pé de si e começava a afagar-lhe o colo, os cabellos, as costas com os dedos tremulos, cheios do espasmo febril. Esse esforço sobre-humano esgotava-o, por fim, e o velho lubrico, reconhecendo, contra a vontade, a sua decrepitude, cahia no fundo da rede a ranger os dentes como um possesso.

Salustina, que com um ar sorna e cheio de enojo igual ao que sentimos quando estamos em contacto com um cadaver, se prestava a estas experiencias Deus sabe como; e logo que podia, afastava-se sorrindo malvadamente, porque de feito, nestes momentos, ella era impiedosa.

Havia mais que motivos para os despeitos do Miguel. Salú não o soccorria. Ruim! Elle não fóra tão bom em outro tempo? Qual a razão porque ella agora o tratava assim, a elle que, afinal de contas, se estava assim de pernas bambas, não devia se não nos seus furores juvenis.

A rapariga tinha, entretanto, razão. O seu sangue borbulhava, e injectando-se pela pelle dava a epiderme essa consistencia macia, aveludada e ardente que aquece o amor e o delicia. As suas carnes eram bastante resistentes, tinham vida, palpitavam como palpitam camarões em terra secca. O velho, ao contrario disto, esmorecia, e a sua pelle encarquilhada, cobrindo carnes fiadas e pendentes, era um resfriado continuo, destilando um suor viscoso, abominavel no gesto, no halito, e na palavra. Tudo nelle annunciava a sepultura, a negação da vida; e o amor não vive um minuto em um meio tão hostil. Desta sorte, quando os braços do paralytico enlaçavam-lhe o colo reluzente e cheiroso de baunilha e lima, passavam-lhe uns arrepios singulares; e em vez de percorrer-lhe o sangue uma obama abrasadora, o que ella experimentava era a mesma sensação que experimentaria se lhe encostassem o couro frio de um sapo ou os aneis de uma serpente. A brnza atirada ao charco, chia ra.

O Miguel, apezar de tudo, sabia tomar suas vinganças; e quando a trintona, orgulhosa da sua pujança, afastava-se zombando, elle n quem rasgavam desejos de beijar, beijar aquelle colo, apertar, esmigalhar aquelles seios, ainda em toda n sua redondeza quasi virginal, acabava por fazer um gesto supremo abraçando-se-lhe aosOMBROS como uma criança gasta, que implora o leite maternal. Então, perdendo o equilibrio, bambeando as pernas, ia com ella de roldão ao barro, e mordida, mordida, até que um grito de raiva punha termo áquella scena triste e degradante.

Com o rosto humedecido pela baba, Salustina erguia-se, deixava o Miguel a estorcer-se na crise de erotismo, e ia lançar-se no corrego como o musulmano impuro.

ARARIPE JUNIOR.

(Capitulo extrahido de um romance inedito).

RIMAS

Andei em longas excursões distantes:
—Vi palacios, sacraríos, monumentos,
Fócos de industrias, artisticos portentos,
Praças soberbas, capiteis gigantes...

Em toda a parte eu lia nos semblantes
Dores... luctas... identicos tormentos...
—Onde a patria do riso?!... Desalentos
Colhi apenas, mais cruéis que d'antes!

Parei, emfim... E o coração da terra
Pude encontrar! — Só jubilos encerra:
—E' lbe a innocencia a unica rainha!

Rides?! Qu'importa! Esse paiz de encanto
E' de meu lar e pequenino canto,
Em que alveja o teu berço, ó filha minha!

AFFONSO CELSO JUNIOR

NIVELADO

Chovia eterna, desoladamente. A quantas boras, a quantos dias, a quantos seculos não o podia dizer eu, que sentia-me dissolver, embebido das lagrimas da tristeza immensa da Nuvem. Tristeza da Inimiga — fingida, só para apagar-me o fogo sento da alegria que accendera em mim a chamma luminosa, a que ventura revigorante do bom vinho. Eu tinha bebido muito. Tiveram inveja da minha felicidade. E metteram-me n'um carcere de sombra e melancolia. E a seculos a chuva cahe para vencer este ardor indomito de viver, que sinto. Porque eu ia no passo da conquista, firme e nrogante, com o peito dilatado, respirando livre os aromas idyllicos e nos olhos resplandecentes, encheam-me a estrada de poças lamacentas, desfolharam-me as flores á rijá ventania, rolaram, encharcaram na enxurrada as folhas seccas, o meu tapete do sonho, cobriram de véus negros, cegantes, os olhos luminosos da minha doce amiga a Noite. E agora quem me visse vacillante e tropego diria que eu estava bebado. Triste é que eu estava. Vencia-me a magoa, embecia-me a sombra, a morte quebrava-me as arrogancias physicas. Havia uma força immeusa superior opprimindo-me, procurando desviar-me da posição vertical, empurrando-me por traz dos joelhos para do-bra-los e derrubar-me. Mas eu, que bem sei qual é em mim o sentido da maior resistencia, inteiriçava-me e caminhava hirto, inflexível, anquilosado, como quem segue o destino. Sabia que era uma provação aquillo. Bem me tardava repousar, mas não na rua. Nem em casa. Uma modalidade phisica do Ideal isinuava-me que não era o melhor o que eu pudesse desejar, porque seria

conea já sabida. Por isso eu não deejava cousa alguma. Caminhava duro, tezo, com o embatimento nos passos de saltimbanco em drama lyrico, com investidas e arrancos tragicos, após longas pausas deliberativas, torvas de decisão explosiva. E nesses impulsos aggressivos retomava-me a alegria be-roica, immotivada, de soldado no assalto, abrindo-me uma porta n phantasia, que entre risos e descantes longinquos, vagos, illuminava-me um recauto escuro do cerebro. Depoia como uma cortina recabindo cerrava-se-me a treva e eu escutava o cahir da chuva, monotono, constante, inexoravel. A quantas horas, a quantos dias, a quantos seculos não sei, toda a minbu longuissima existenci tendo se escoado transida e enlameada sob o perpetuo rorejar dos prantos celestes e terrestres. A lembrança dos sóes, de tão apagada, era mythica. Sempre assim vivi; na solidão soubria, nas lagrimas. O resto, alegrias e luz, são os poetas que sonham. Maos poetas! fazendo-me soffrer... Como se toda ventura não fosse a dos sapos, quo aqui perto, no alagadiço bem cbeio, entoam a potente roncaria epithalamica celebrando os seus castissimos amores. A chuva cahe — fecundante chuva, a lbes nutrir o germen que será a prole futura ainda implicita nos longos rosarios, que a amorosa femea vai desfando — bendita chuva! E porque não sou sapo eu, que tenho as mãos tão lascivas, a bocca mais lasciva, o corpo todo menos nobre que estea puros animaes? Entendo agora o conselho sybillino do Ideal — seguir o impulso que me leva ao charco, prostrarme, assepar-me de encontro a essa lama molle, visguenta, convidativa, nivelarme, pobre orgulhoso impotente! O conselho era do Ideal ou da fadiga extrema. Duas idéas de Vogt e de Augusto Comte faziam-me uma carga terrivel — a da localisação da lascivia bacracia, nos dedos e a da inutilidade logica do macho, da sua immoralidade dada a realisação do ideal da virgem-nãe. Então, se os ideaes humanos me annullavam naquillo em que eu mais julgava valer, na minha qualidade de macho, antes sapo, que não tem ideal, ou só tem oe da vida—comida á farta e femeas fecundas—com uma renunciação quasi mystica aos contactos amorosos. A minha humanidade começava a pezar-me de mais. Uma viravolta poz-me em frente de uma viella estreita, entre um muro fazendo esquina e uma cerca de espinhos negreando sobre um clarão vago amarelento, algum lampeão longe. Encostado ao muro, sentindo falharem-me as pernas, duas brazas por olhos e uma convulsão no queixo, meditei, hesitei longamente antes de aventurar-me pela viella da Baixeza. Eu sentia que entrar alli era decisivo. Havia alguma cousa ou alguém que me puchava para traz, dobrando-me pelo peito, fatigando-me ainda mais. Mas só depois que puz-me em marcha comprehendí que o obstaculo era a flagellante pbraze de Marietta naquella noite em que eu por bravata fazia o elogio da embriaguez — « O homem que eu visse um dia embriagado nunca me poderia entrar no coração.» Na pacifica e honesta eala de jantar entre o calix de Madeira ainda cheio e a chicara de café que ella passava-me, olhando-me com o seu olhar tão direito, tão leal, era mais uma banalidade virtuosa que ella pronunciava com a sua voz preguiçosa, eyllabando lentamente, com uma quasi affectação de exactidão a doçura, graciosissima, eó della, da

boa e carinhosa amiga. Mas aqui, na noite escura, com os pé na lama fria, impellido ao cbarco pela força combinada doe syllogimnos e do alcool, aquella phraze era a minha athença antecipada. Caminhando eu tiritava ao frio do seu despreso e um soluço bo-lbava-me no peito e desfazia-ee sem estalar e refazia-se teimoso. De repente tropecei; faltaram-me as pernas e cabi, como as mãos para diante. Era fogo. Senti frio primeiro nos joelhos e coxas e encolbi a barriga á humidade desagradavel. Depois retirei a mão direita enterrada na lama e desviei um ramo que me arranhava o rosto. Pensei no olhar de repugnancia e nojo de Marietta, se me visse de cara, barba e bocca enlameadas, estirado na estrada como um bebado, e chorei. Não digo como chorei, porque eó o entenderia quem já chorou assim. Acalmou-me por fim o mesmo pranto e sorri dos factos d'ngua lamacenta que as convulsões do peito, batendo nruquejante, fazia saltar. Era brincadeira de porco ou de sapo. Familiarisava-me com a lama. Estendi-me commodamente e como a agua me entrasse no eovaco lembrei-me da carta, que trazia no bolso, do tio Luiz, convidando-me para ir passar com elle uns dias na fazenda e do sorriso da prima Georgina, que era uma caricia... Depois entrei a estudar a melodia de dous pingos d'agua que, ora alternos ora juntos, cabiam de um galho d'arvore em uma poça perto da minha orelha esquerda e parecem-me que a *Marche de pluie* do Richepin ensaiava-se alli para irradiar-se depois, crescente, desoladora. A cabeça rolou-me, desfallecida e, com a face na lama, eopojado, adormeci sem cuidar por quantas horas, por quantos dias, por quantos seculos, acalentado pelo sussurro immeneo da chuva.

14 de Fevereiro 88.

DOMICIO DA GAMA

AS RUGAS

Vendo o aol de planetas já rodeado,
Deus disse á natureza: — « Filha n'esse
Turbilhão de astros, mando que não cesse
Teu smor... Deixo a terra a teu cnidado... »

Disse, e com outros mundos occupado
Foi-se. A filha este globo não esquece:
Põe-lhe sgua; e, de agua aos rumes, vive e
creece
Tudo... Tudo ella pints: os céos, o prado...

E a Natureza tem mais gosto e geito
Pondo em formosa tela
O rosto da mulher — bello, perfeito...

Mss tudo cança! .. e um dia — scaba-o ella
Dando a torto e a direito
Profundas pinceladas a aquarella.

EDMUNDO DE BARROS.

BELLAS ARTES

Estende-se ainda eobre estas colum-nas o prestigio d'aquelle que por tão longo tempo e tão desinteressadamente soube bonral-ae.

Luiz Gonzaga Duque Estrada foi, desde a fundação d'A Semana, a vontade inabalavel que alimentou esta sec-

ção, indispensável em uma folha literária, que se levantava com um objectivo mais nobre visando o ideal levantado das letras e das artes.

Pretender preencher o vacuo que ficou nestas columnas seria ousadia que não assenta em quem foi sempre o primeiro a fazer justiça ao valor e ao trabalho do jovem critico de Bellas Artes.

A despeito de todos os dissabores que elle teve como compensação dos seus esforços, recto, incansavel e só, seguiu o rutilo caminho que traçara antes e que ha de ser a derrota da sua vida literaria.

Para amparar o juizo que fazemos d'elle, producto de grandioso esforço e de uma persistencia das mais teuzes, abi está o seu livro, primeira pedra lançada para a historia da arte brasileira. E' o livro mais correcto e mais completo que se podia obter por meio de um processo de pesquisas difficéis e de indagações incansaveis.

Tomando sobre meus hombros o aspero encargo desta secção de critica, espero apenas que n lembrança d'aquelle que a creou protegerá como uma estralla a carreira deste outro que o acompanha.

De todos os acontecimentos da Arte brasileira procurarei dar uma noticia circunstanciada e minudenciosa, apontando com sinceridade e com franqueza tudo quanto possn interessar á moderna critica artistic.

Não igaoro as difficuldades que me serão deparadas n cada passo. Procurarei vencer-as de accordo com os recursos de que disponho e uma certa linha de proceder que a mim proprio tracei aa vida publica.

Os principaes acontecimentos artisticos de hontem foram a exposição de paysagens do artista Antonio Parreiras e a outra do pintor historico Rodolpho Amoedo com os dous ultimos quadros pintados em Paris.

Toda a carreira gloriosa de Parreiras teho-a eu seguido par e passo, juntando o meu applauso ao largo applauso com que o publico tem coroado os seus triumphos.

A sua ultima exposição longe de ser uma surpresa, foi mais um desses degraus que nos habituamos a vel-o subir, todos os dias, em cada nova exposição, corajosamente, apoiado no trabalho, que tem sido o seu bastão, e que ha de leval-o lá muito alto onde chegam todas as intelligencias trabalhadoras.

Creio que dentro em muito poucos dias elle vai partir para a Europa. Faz muito bem em seguir. Vai visitar todos os museus e todos os palacios, ver de perto os prodigios da arte franceza e da arte italiana, nprender a maneira de fazer, o segredo artistico dos grandes mestres.

A exposição de paysagens que fizer de volta do velho mundo mostrará o progresso que elle ha de conseguir.

Tudo quanto se póde esperar de um artista intelligente e trabalhador nós esperamos de Antonio Parreiras, nome que ha de honrar ainda muito alto a nossa pintura nacional.

EMANUEL KARNERO.

ESCRINIO

Se um mandarim me desse os estofos de riscas,
Jóias, jarras, marfilas... Oh! muita cousa rara;
Se um turco o seu serralbo, as nuas odaliscas,
A ágatha, a esmeralda, eu tudo despresara.

Não quero, não; p'ra que? a pedraria, o oiro,
O insenso, a escrava, seda, e o sandalo aromado,
Se eu tenho o cofre meu d'erabile, o meu theoiro,
Que és tu, Urna de Amor... oh! escritorio adorado?!

Boceta de coral é teu labio e tem perolas;
Teu esplendido corpo é um jaspe palpitante,
Que emana um grato odor de heliotropo e jasmim;

Teus seios globos são feitos de madreperolas;
Nos olhos tens onix:—ô Sultão arrogante,
Guarda pois teu harem; guarda teu oiro, ô chím.

HENRIQUE DE MAGALHÃES

EXPIAÇÃO

Eis-me longe do mundo. A Musa da Agonia,
Branca da lividez dos funebres sudarios,
Entôa junto a mim uns cantos funerarios,
Uma canção sombria,
E enquanto te divertes
Do zelo o espinho atroz o peito me crucia

Eu, isolado e triste, enquanto nos fulgôres
Do baile queimas tu sem dó e sem piedade
As rosas de tua alma, as mais formosas fiôres
— Amor e mocidade,
Vou... escrevendo um canto
Para o qual nem terás um riso de bondade.

Uma tenue lembrança, eu bem sei, n'um aaceio,
De mim, do sonhador, do triste,—o infertunado,
Como se fóra só a sombra de um cuidado
Não ha de ir o teu seio
Solevantar, medrosa,
Dizendo-te o meu nome, um nome invalidado.

Que importa! Se este amor tão grandio e que inda alento
De ti só mereceu culposa indifferença,
Ha de encontrar um dia a sua recompensa
Quando o arrependimento
Como um juiz severo
Fôr lavar contra ti a fúlgida sentença.

Folga, mas tem cuidado, a tua crueldade
Póde-se converter tambem no teu martyrio,
Bem póde esse desdem tornar-se no delirio,
No horror, na tempestade
D'uma paixão tremenda;
Eu creio que já vi na rocha erguer-se um lyrio.

Então, bem póde ser que eu seja venturoso,
Que tenha achado já o que procuro ba tanto,
Como este immenso amor um outro amor tão santo,
E que o fado impiedoso,
Punindo o teu orgulho,
Nem me deixe sequer ir enxugar-te o pranto.

LUIZ DOS REIS

(*) Por ter sido impressa com alguns erros typographicos em o nosso numero anterior, reproduzimos hoje esta poesia.

UM MARIDO

— E' uma esplendida creatura! —
dizia da sacada um rapaz que a vira
entrar pelo braço do marido.

— Como é feliz o ladrão! — laati-
mava outro. Depois de tantos annos
de casados ainda se namorão como
noivos. E' venturoso, o bandido! Quem
me déra estar na pelle do miseravel,
20 minutos apenas!

Isto pensavão e dizião os rapazes.

As senhoras pensavão exactamente
como elles; mas dizião cousa diversa.
Aquellas que por ventura tinbão ou-
vido a opinião desses pandegos, fazião
um momosinho de desemo e murmu-
ravão entre si:

— Como vem mal vestida! E' bonita
mas o *plisê* da golla está á comer-lhe
as orelhas.

— E' muito exagerada. Olha a an-
quinha... P'ra que aquillo tudo?

— Repara como estão brancas de pós
as pestanas. Quem não dirá que antes
de vir, teve de ir no padeiro!

Rião e continuavão.

— Elle...

Ao marido é que se referião.

— Elle é mais bonito do que ella;
pelo menos não préga aos labios aquelle
sorriso assucarado, que não parece
natural.

— E uma affectação, Jesus! Sempre
ao pé d'elle, namorando-o para se
mostrar, como quem quer fazer inveja.
Que cousa feia!...

— Uma porcaria! esganiçou-se uma
quarentona, que chegara aquella idade
patriarchal, sem ter visto as uvas da
Chanaan chamada casamento.

— Uma porcaria! repetia ella. Si são
felizes, guardem para casa a sua felici-
dade, e não venbão fazer papel ridi-
culo n'uma sala de baile. Out'ora os
casados erão mais sérios.

Hoje... é aquillo que se vé.

E todos, moças e velhas, rapazes e
velhotes roião-se desesperadamente de
inveja.

E o par triumphante entrava na sala,
illuminado pelo seu mais bello sorriso
de ventura.

Ella não era tão bonita, como pen-
savão os moços, nem tão mal-amanhada,
como dizião as senhoras. Era um termo
médio, que podia inspirar entusi-
asmo, e inspirava com effeito; porque a
brancura de hostia da garganta, a ele-
gancia toda meridional, a carnção ame-
ricana, cheia de seiva e de sol, tinhão
uma certa vibração venusta, que com-
municava nos corações um suave ma-
gnetismo e fazia pensar em repouso,
em sombras frescas. em moatanhas,
em nesgas de floresta...

Era chic, era mesmo muito *pschut*, o
demonio.

Elle, o marido, na plenitude de sua
felicidade, tinha certo ar arrogante,
que o tornava um tanto imbecil, mas
que a gente facilmente perdoava; por
que naquella ebriedade nem podia
saber o que fazia. Não era bonito, mas
parecia um homem feliz. Com o sobre-
casaco inglez abotoado até a golla, uma
lagrima de diamante entre as dobras da
gravata, uma *rainha victoria* na *bouton-
nière*, a pastilha chata luzindo sobre
a testa, onde vião-se os primeiros
estragos da calvice. — dava elle aos
labios grossos e sensnaes um tom de
suprema ventura ao sentir-se envol-
vido por um olhar da mulher.

E felizes, risonhos, occupados de si a fazer inveja aos demais, dansavam a noite inteira e retiravão-se ás duas da madrugada, depois de rodopiarem ao ultimo compasso da walsa.

Na rua, quando já ninguem os podia ouvir, continuavão o seu venturoso idyllo.

— Te portaste mal, hoje...

— Como portei-me mal? Não sei o que queres...

— Não me obrigues a dizer claramente as cousas, que sabes perfeitamente.

— Bom! Já sei: temos scena. Deixa isso para amanhã, filho. Vamos dormir que me não incommodão mais as tuas injurias suspeitas. Não te respondo nada.

Si valsaste tanto... e elle valsava tão bem... Não podias fatigar-te.

— Porque!? Não sei ainda aonde vas dar, mas com certeza é a uma das tuas. Mas dou-te a minha palavra que me não incommodão mais as tuas injurias suspeitas. Não te respondo nada. E calou-se.

Elle continuou a moer:

« Que era uma vida desesperada, sem socego, porque sua mulher não tinha o espirito bem claro para ver a inconveniencia de certas acções. Que estava determinado a não leval-a mais aos bailes. Bem sabia ella que elle a amava; por isso é que soffria com suas asperezas. Si não amasse-a, que lhe importaria o seu procedimento? Era ciumento; não podia mais negal-o. Muito ciume mesmo! Mas porque não o poupava a essas amarguras? Porque valsava? não lhe tinha pedido tantas vezes? »

E pedia e humilhava-se. Dizia que adorava-a; rogava-lhe que não lhe negasse o seu coração.

A mulher caminhava ao lado, silenciosa, mas visivelmente irritada. Vinham-lhe á mente couzas... de fazer o parvo do marido partir a cabeça nas pedras da calçada.

Mas o importuno continuava a amolar-lhe a paciencia com lamurias, que davão-lhe, a ella, vontade de tel-o debaixo dos tacões.

Entrarão em casa. Duas e meia da madrugada. Uma luz de lamparina allumiava fracamente o corredor.

Ella estava tão irritada, que lançou ao chão a *sabida de baile*, e atirou-se para alcova. Raspou o phosphoro, acendeu o bico de gaz e poz-se a desvestir-se, com os dedos tremulos e uma ruga entre os olhos, que era nella signal de proxima explosão.

O marido entrou apoz ella e sentou-se já também irritado pelo silencio obstinado que ella guardava.

— Mas deves confessar que não é bonito uma senhora casada valsar duas, trez vezes com um rapaz. Sei que és leal, mas o mundo aproveita tudo para fallar e denegrir as reputações. Amo muito o meu nome, e, como minha mulher, tens obrigação de afastar delle qualquer suspeita. Queres então que eu seja ridicularizado por uns imbecis, que nada são e nada valem! Pois é preciso dizer que não recuo nem diante de uma morte para defender. Bem sabes que o meu nome sou capaz...

Ia começar as ameaças, quando a mulher voltou-se rapida sobre os calcanhares e gritou em face:

— O que sei é que tu és um idiota!

Elle perturbou-se e ganhou nma phrase acerba.

— Eis aqui... — continuou a mulher com o espartilho na mão, os hombros

humidos de suor resplandecendo á luz do gaz, o penteado meio desfeito, mostrando as pernas carnudas mettidas em meias cor de granada.

— Eis aqui para que uma mulher se casa: para ouvir de seu marido a injuria que não ouviria de ninguem no mundo. E porque? Somentemente porquo esse marido é um idiota, que se não respeita, que não se conhece, que quer impor-se ao amor de sua mulher, como um prego a um cepo, hrutalmente, a golpes de martello. E porque não consegue, insulta. Fique sabendo, porem, de uma vez por todas, que sei respeitar-me, não por sua causa, mas porque me tenho em muita conta! E faça-me o favor de afastar-se enquanto reformo a toilette.

Era a primeira vez que o despedia. Também nunca elle a tinha tão acerbamente injuriado.

A voz da mulher era tão imperativa, sua mão vibrava tão nervosamente o espartilho, que o marido ergueu-se e sahio.

— Que inferno, meu Deus, exclamou ella de dentes cerrados, feixando o trinco.

Tomou depois um penteador, poz os pesinhos nús u'um pantufo de seda e foi para a cama a pensar naquella marido *cacete* e injusto que a injuriava com seus estupidos ciumes.

Elle, posto fora da alcova, foi-se para a sala, cauteloso para não escandalisar os de casa. Ia desolado o infeliz. O paletot ainda abotoado deixava ver os punhos e o collarinho conspurcados de suor. O cabelo em desordem; a rosa da *boutonniere* desfolhada. Todo elle tinha um ar de fadiga e de desgosto cheio de suspiros tão comicos, como as unhas que deixava crescer enormemente nos dedos mendinhos. A vista da figura até a mulher rir-se-ia, sinão estivesse tão offendida.

Pensou em voltar para a alcova, mas acanhou-se. Proferiu despir o casaco e espichar-se no sofá; e enquanto a mulher mettia-se entre os frescos lençoes da cama, o pobre diabo ralava-se, atacado pelas muriçocas.

LAHORE.

CRISE PSYCHICA

Não sei que cotovia olympica gorgeia
Dentro de mim...

Guerra Junqueiro

Sinto uma vibração extranha no meu ser:
Lateja-me no craneo o cerebro, e no peito
Lateja-me fervente o coração. Si espreiro
P'ra dentro de mim mesmo, encontro-me a tremer!

Tenho na alma um cahos: um biblico estorcer
De genese que está se elaborando, em leito
De mundos a surgir. Não sei o que se ha feito
De novo, de latente e grande, em meu viver.

Não sei. Mas já não hasta á frivola existencia
Que arrasto, o entusiasmo e aquella rubra ardencia
Das lutas idoas que eu vivo provocando

Em prol da eterna Luz! Já não me hasta a paz
Da consciencia forte, o louro, a gloria... Mas
Não sei como ha de vir o que me falta, e quando!...

Recife.

NA ROÇA

A RAMALHO ORTIGÃO

Continuação

Depois, despedia-se e seguia para casa, voltando-se de instante a instante para ella, que ficava de pé, no terreiro, a acompanhal-o com os olhos—impressionado, cheio de scismas, com uma doçura no coração.

E levava todo o tempo a pensar na rapariga vendo-a pela imaginação, divina, alegre e resplendente, com as mãos nos quadris, sob o abundante ouro do sol.

Havia noites que não dormia, porque necessitava pensar nella, tel-a ao pé de si.

Achava as horas immensas, intermináveis, e parecia-lhe, tristemente, que não havia de amanhecer mais, que não veria o sol depois.

Era uma angustia, uma verdadeira angustia.

Resolveu por isso dizer á tia Sabina que precisava casar-se, senão não poderia mais viver, morreria...

A tia Sabina ovio-o silenciosa e muito de manso disse:

— Tu estás doído, Cosme! Não vês que isto é uma falta de juizo e tu não tens idade nem meios?

— Mas eu quero, quero, porque já não posso mais! retorquiu o rapaz.

E ella, melancolicamente, e com os olhos no chão, poz-se a reflectir, abandonando a cabeça.

Depois, fitando o rapaz, que estava em pé no portal, acrescentou: — O que se hade fazer! — o que se hade fazer!

D'ahi a dias casaram-se.

A Margarida, a principio, era muito boa, muito trabalhadeira, e não deixava a tia Sabina fazer nada que ella não a ajudasse.

A tia Sabina vivia numa satisfação, queria-a muito, e chamava-a sempre: a Santinha.

Mas, decorridos dois annos, a Margarida, que era de um temperamento

revolto, irrequieto e ardente, deu em « virar a cabeça » e não fazia mais do que preparar-se e ir todas as tardes, depois do jantar, dar á « trêla » pela visinhança.

A tia Sabina não lhe agradava aquillo mas, como sempre, permanecia calada; não lhe disse nada!

Um domingo, porem, uma velha camarada de infancia e sua comadre, a Rita Bazilia, a da Varzea Grande, que já ha tempos não via, e que viera á freguezia para ouvir a sua missa, ao passar-lhe na porteira encontrou-a estendendo umas roupas molhadas, e fallando: — Então, como vae o teu Cosme? E a Margarida? Olha, mulher: pois não está tudo cheio que ella é má bisca; que não pára em casa, e vive todo o sauto dia a curricar, enganando o pobre do marido, coitado! O Sabina, olha cá: poe-lhe um « cobro », mulher, vê se a mettes em caminho.

Olha que é uma desgraça...

E como viesse passando gente, despedio-se apressada: — « Adeus; vou á missa, que já basta de perder tantas. Logo eu entro; agora não posso, ouviste? »

E sahio a pressa, bamboleando as suas transbordantes ancas. A mulher madura e pesadissima, no meio do cadenciado estalar e ranger dos tamancos.

A tia Sabina, estendida a roupa, retirou-se cabisbaixa, recolhida, com visiveis signaes de afflicção no rosto.

Quando entrou em casa ia pensando:

— Vou dizer-lhe tudo. Isto não fica bem, não pode ser. Também sahir todas as tardes! Já estão surdindo os mexericos. Virgem Maria! Cae na bocca do mundo, cae na bocca do mundo!

E nisto esbarrou-se com a Margarida que vinha sahindo de casa, com uma radiação de alegria no semblante risonho e um grande mólho de malme-queres, dhalias e perpetuas, direita á ella: — Tia! Olhe, eu vou até lá ao Amaro; vou levar flores para o terço. Passo lá o dia com a Leandra. Pois não sabe? Hoje é dia da Conceição. Ha terço logo á noite.

A tia Sabina, com a sua immensa bondade, vendo-a muito alegre e rosada, d'uma frescura infantil, dentro do seu vestido de chita clara, conteve-se e apenas disse: — Vae; mas toma cuidado, filha. Não sejas leviana. Olha que já fallam...

E ia para concluir, quando a rapariga com um modo estovado e inquieto, pegando-lhe no braço e sacudindo-a: — Vossê vá, tia; deixe isso e vá. Aquillo vae ser bom. Ha dança.

E sahio correndo, com as longas tranças soltas e um ranger de saias engommadas, em direcção ao caminho.

O marido não estava; a noite inteira levava na pesca e como o peixe « era matto », carregara uma canoa, e, sem voltar á casa, sahira para a cidade pela madrugada; e até aquella hora não se sabia delle.

A Margarida, porem, não lhe deu abalo isso; já pouco se importava com elle; até estimava a sua ausencia; e cntretanto o pobre rapaz, nunca lhe fora tão dedicado e carinhoso como agora.

Sempre que entrava de fóra ia logo para ella: abraçava-a num contentamento, intimamente envaidecido e orgulhoso por aquella « prenda chibante que elle quasi não merecia. » Mas, ella enchotava-o como a um cão ruim, toda seria, empurrando-o para longe de si com os seus braços roliços e cor de rosa, rejeitando assim as francas e rudes ca-

IZIDORO MARTINS JUNIOR

ricias do matuto em cujo vasto e sincero peito flori esplendida a nobreza e a ingenuidade dos affectos. E, obstinadamente, «secada», repetia sempre: — Já vem o tolo! o desengraçado! Fosse antes dormir se tinha somno; mas não a viesse inquietar, o tanço.

E assim vivia a maltratal-o constantemente.

No terço do Amaro, á noite, depois do sachristão engrolar a reza e apregoar o juiz e os mordomos que tinham de fazer a festa no outro anno, começou a dança.

Achava-se ahí nessa occasião o José Italiano, mascate, e que de vez em quando rebentava pelo lugar onde a sua mercadoria voava, tendo uma fama e possuindo numerosos freguezes.

O José Italiano era um calahrez sympathico, de uma belleza viril, atrevido e corrupto.

Nas casas onde por acaso assistia e se lhe abriam os corações, o miseravel deixava sempre a desgraça e a deshonra.

Diversas familias foram impiedosamente arrastadas por esse vampiro á corrupção e á miseria.

E a Margarida, já desde muito andava algemada ao seu olhar vencedor e atrabente, onde bebia as tentações e graças, todas as delicias picantes dos amores illicitos.

E profundamente dominada pelas ardentissimas manifestações e arrastamentos do seu indomabilissimo temperamento, relincente de seiva e fartamente embebido em sol, — abriu um escandalo desordenado e terrivel no meio affectuoso e sereno de toda aquella festa, prendendo-se, a noite inteira, nas danças, impudicamente e sem interrupção, ao braço rijo daquelle sujeito audaz que fazia timbré em ostentar affrontosamente, em plena estupefacção geral dos convivas, a paixão descabelada e cynica daquella rapariga douda.

E pelas duas horas da manhã, por entre o cantar secco dos gallos e o reboliço da sahida, escapou-se com elle de tal modo, que ninguém os vio mais.

VIRILIO VARZEA

A NATUREZA

Il n'y a point de repos dans la nature
L. BUCENER.

A natureza é para mim um templo de gigantes columnas e de arcadas onde, elevando o meu olhar, contemplo

as vastas creações, agglomeradas pela força constante da materia, e esses milhões de estrellas constelladas suspensas sobre a região etherea.

E' para mim um livro a natureza, um livro immenso onde medito e leio dos seculos passados a grandeza.

Por isso, preso ao limitado meio em que se agita a pobre humanidade, eu nas leis naturass sómente creio e dos astros tambem na eternidade.

EDUARDO DE CARVALHO.

THEATROS E DIVERSÕES

COMPANHIA DE ZARZUELA

Estreou ante-hontem, no Lucinda, a companhia do sympathico Sr. Valentim Garrido.

Essa companhia, que tão boas impressões deixou nesta Côte, em sua passagem o anno passado, volta agora com o pessoal augmentado e algumas figuras novas, que nada deixam a desejar a respeito das já conhecidas.

O theatro estava repleto, e não só a Sra. Plá, como a debutante Senorita Sophia Campos, foram recebidas entre palmas e uma chuva de flores.

O Processo do Gau-can foi exhibido aqui, mais de uma vez, por essa mesma companhia, e sendo essa peça mais uma prova choreographica do que lyrica, nada occorre dizer se não que o pessoal bailante, com effeito, melhorou consideravelmente, se bem que achamos exagerado o que os annuncios dizem a respeito do *corpo de baile*. Pelo menos a *Tertulia* não mostrou toda a força da companhia.

No que respeita, porem, á execução da *Menina Pancha*, não podiam ser mais agradaveis as impressões. Garrido, como sempre, foi de uma graça sobria, ligeira e juvenavel; e a Senorita Campos apresentou-nos uma andaluza do genero perigoso daquellas que De Amicis pinta admiravelmente em sua viagem á Hespanha. *Salero, mucho salero!* uma voz gracil e sonora, olhos que dão facudas, e um colear serpentino da linha feminina capaz de provocar a hypnotisação de um publico de sexagenarios. *Hurrah pela seguidilla!* e viva a Andaluzia!

Com taes elementos auguramos ao Sr. Garrido, no *Eden-Concerto*, noites verdadeiramente paradisiacas... nos bastidores e na caixa da porta.
Ameu.

RECREIO DRAMATICO

Deu-nos ante-hontem o Recreio Dramatico *Uma casa de doudos*, comedia em um acto, e *Baptistini Junior*, scena comica.

A primeira é uma *pochade* que conservou a platéa em constante hilaridade para a qual contribuiu o desempenho por parte de Guilherme da Silveira, Ferreira e Rangel.

Baptistini Junior foi interpretada com espirite pelo Castro que soube disfarçar algumas cousas tedios que posue essa scena comica.

O Club Abolicionista Guttenberg, realisa um grande festival commemorativo ao passamento de João Guttenberg, no dia 24, no Theatro S. Pedro de Alcantara.

CLUB DO ENGENHO VELHO

Muito agradável o baile familiar á phantasia do club do Engenho Velho.

Amabilidade, animação, espirito, helzeza, tudo concorreu para que cada um guardasse uma boa impressão d'aquella festa.

CLUB DO RIO COMPRIDO

Este club deu tambem aos seus socios e convidados muitas horas de prazer na sua ultima *soirée* a phantasia.

Um gentilismo *hors ligne*.

POLITICOS

Esplendidos os bailes de domingo e terça-feira. Esplendidos!

FENIANOS

Batemos palmas á victoria que alcançaram com os bailes magníficos, realizados nos dias 12 e 14 do corrente. Insignes!

DEMOCRATICOS

Como sempre maravilhosos os inexcitáveis Democraticos nos seus bailes. *Hurrah!* pelo brilbantismo que tiveram!

CONGRESSO DOS FENIANOS

Apezar de contar pouco tempo de existencia, conseguiu esta sociedade que os seus saíões ricos e luxuosos se encubressem de tudo o que ha de mais bello no muudo feminil, e que os bailes que se effecturam domingo e terça-feira fossem de encantos e de esplendores.

Saudamoloos.

DEUS

Longos seculos tens atravessado, com tão fina esagaz diplomacia — que embalde o humano espirito atilado segue o passo, o vôo que extasia!

Cançou-se de buscar-te a Ph'losophia que te banii do seio illuminado!... —mas nunca te encontrou a Astronomia, que tem-te de altas glorias desthronado!

Debalde procurou-te o telescopio! —a mesma sorte teve o microscopio! Não viram-te as Sciencias-Naturaes!

Sem te encontrar te busca tanta gente!. E' que tu és, meu caro *Omnipotente*, Subjectiva existencia e nada mais!

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

FACTOS E NOTICIAS

Os nossos distinctos e talentosos amigos Guimarães Passos e Osorio Duque-Estrada estão extrahindo do romance *Trevas e Luz*, de Hugh Conway, um drama em um prologo e tres actos, do mesmo titulo e destinado á empreza do Recreio Dramatico.

Desde já, sem medo de errar, garantimos um successo para essa peça que ha de ter todas as fulgurações que aquelles dous talentosos rapazes sabem emprestar a tudo o que escrevem.

RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Reuniu-se hontem em sessão litteraria esta antiga sociedade. Leu-se e approvou-se a acta da ultima sessão.

Receberam-se os seguintes impressos: These do Dr. José Pereira da Costa, relatório da sociedade Congregação dos Artistas Portuguezes, e revista da Sociedade Central de Immlgração.

Archivou-se a obra do barão de Bazancourt—Cinq mois au camp—, offerta do Sr. Bento Barbosa, e bem assim crescido numero de jornaes.

Por proposta do Sr. Caetano de Castro foi approvado um voto de louvor ao Sr. José Dias Moreira por ter conseguido da redacção d'*A Semana*, não só a remessa desta folha, como tambem a publicação das actas do Retiro. Foi aceito um voto de pezar do Sr. commendador Rodrigo de Mello e Souza por não erguerem em Portugal uma escola com o nome do estadista Fontes Pereira de Mello para honrar a memoria deste servidor, em vez de lhe levantarem uma estatueta que nada aproveita.

Na segunda parte fez o Sr. Leite Guimarães um bello discurso sobre a religião, seguindo-se-lhe com a palavra os Srs. Caetano de Castro, Claudino Netto e Dr. Celestino Vicente, que fez considerações sobre o Jubileu do Papa.

Recitou o Sr. Dias Moreira alguns sonetos mimosos de lavra propria e outros de diversos poetas.

Na terceira parte o Sr. Leite Guimarães discutiu o thema:—A prostituição é útil ou prejudicial nos grandes centros populosos? O orador combateu-a vigorosamente, por consideral-a prejudicial.

A's 10 horas foi levantada a sessão.

Para o Ceará seguirá, no vapor de 20, o talentoso poeta Alvaro Martins, um menino que sabe fazer versos correctos e bonitos, e que mais tarde fará parte dos nossos meliores poetas.

O Sr. Alvaro Martins, durante o tempo que se demorar no Ceará será um dos nossos correspondentes littorariós, e incumbir-se-ha tambem de negocios da *Semana*.

Que volte bom.

Fará a Confederação Aholicionista uma sessão, no domingo, 19, ao meio-dia, na Sociedade de Gymnastica Francaza, com o fim de resolver sob o meio da libertação total da côte.

Realizou-se hontem o casamento do Sr. Arthur Corrêa Mendes (antigo collaborador d'esta folha) com a Exma Sra. D. Alice Augusta Monteiro de Barros, irmã do Exm. Sr. Barão de Monteiro de Barros.

COLLABORAÇÃO

Scenas populares do Ceará

A MOÇA FURTADA

I

Tinha Francisco Pereira
Uns vinte e um annos talvez ;
Era moreno, mas branco,
Poiz tinha avô portuguez.
Dizia ser descendente,
Rebento de brava gente,
Que dominou o sertão.
O typo tem de Mourão.
Ao vel-o se conbecia
De sua mãe as feições,
Do avô materno os brazões :
Bravatas e valentia.

Comtudo elle era pacato,
Não era lá máu rapaz ;
Tinba a mania das armas,
Gostava dos arsenaes.
Ouvia os feitos passados,
Qu'inda boje são celebrados
Dos seus já mortos avós ;
D'ouvil-os attento após
Lbes dava toda razão.
Suas façanhas louvava,
Se acaso não initava
Era temendo a prisão.

Gostava dos arreganhos
Das fanfarradas boças.
Tinha talvez guarda-costas
Em num'ro de seis ou mais.
Quando sabia, era armado
De bacamate embalado,
Facão na cinta e punbal ;
Dois cabras, e cada qual
Feio capaz de assombrar,
Montados bem o seguiam
Armados, só pareciam
Bandidos, que vão lutar.

Tinha Francisco Pereira
Desde menino affeição
A' filha d'um fazendeiro
Rico e tambem fanfarrão ;
Mãe com quem elle intrigado
Estava por ter votado
No partido liberal.
Fosse por bem ou por mal
Ninguem os viu mais fallar :
Cada qual mais presumido,
Um dito mais, um mezido
A intriga sempre a augmentar.

Pereira tinha jurado
De se casar com Victoria.
E como prova do voto
Lho mandara uma memoria
Por uma escrava da casa.
Tambem a moça o adorava,
E p'ra provar-lho mandara
Uma trança, que cortara
De seus cabellos escuros.
O velbo pai desconfia
Do seu amor, que crescia,
E diz-lbe em termos bem duros :

— Moça, tenho eu reparado
Na missa certos olbares...
Se marcba n'este caminho,
Terá deveras pesares.

Bote n'outro o pensamento,
Que com meu consentimento
Com elle uão casa, não !
A filba, que é de benção,
Não quer ter para marido
Um moço, que é mau rapaz,
Qu'alem de tudo inda mais
Pertence a um outro partido !..

Corou de pejo Victoria
E ao velho não respondeu,
Não negou, nem confirmou
Aquelle ardente amor seu.
O velbo poz-se em vigia,
A filha já não podia
Nem para missa sahir !
Mesmo até para dormir
Fechado o quarto e corrido !
Quatro fleis agregados
A' noite, mas bem armados,
Rondavam com mui sentido !

Sentia muito Victoria
Aquelle injusta oppressão.
Passava as noites velando
Na mais penosa afflicção !
Dizer queria a Pereira
O seu viver. A barreira
Ella não pode vencer !
Quer papel, quer eserever,
São seus desejos em vão.
Do roupão de *cassa-tisa*
Tira um quadro ao guarda-pisa
Vai escrever com carvão.

Ceará.

RODOLPHO THEOPHILO

Diversas Publicações

Recebemos *A Divina Comedia* de Dante Alighiere, versão do illustre morto barão da Villa da Barra.

A obra é prefaciada pelo erudito litterato brasileiro Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior.

Sobre o merecimento do grandioso poema e da versão que temos diante dos olbos nada precisamos dizer.

E' nitida a impressão de todo o bello volume que se compõe de quinhentas e tantas paginas.

Sempre que nos chega ás mãos o trabalho de um moço de talento, que o sabe applicar em cousas sérias, sentimentos verdadeira satisfação e lastimamos não ter applausos bastantes para taes commettimentos.

São estas as reflexões que nos provocaram o apparecimento em nossa redacção dos tres primeiros fasciculos dos *Apontamentos de Arithmetica*, devidos ao labor do Sr. Marcondes Pereira.

Vão esses fasciculos até á divisão de numeros inteiros, sendo toda essa materia exposta com clareza e por quem entende.

Nós recommendamos os *Apontamentos de Arithmetica*, e desejamos que tão util publicação encontre o mais franco acolhimento da parte do publico, ficando agradecidos pelos fasciculos com que fomos obsequiados.

Recebemos o Relatorio da Junta dos Corretores de Santos, apresentado pelo seu presidente Walter Wricht em 2 de Fevereiro de 1888.
Agradecemos.

Temos á vista a theese do Dr. Alexandre Stockler Pinto de Menezes, apresentada á faculdade de medicina para a obtenção do gráu de doutor. E' um trabalho magnificamente escripto e desenvolvido com muito talento pelo autor. Refere-se a these á — responsabilidade legal dos alienados —, e é mais uma excellente prova que deu de si o nosso distincto amigo.

O Sr. Dr. Stockler é um nome já vantajosamente conhecido, e em todo curso da escola de medicina, foi sempre distinguido entre os seus collegas, por seu bello talento e boa orientação.

Felicitemos ao anctor e agradecemos a honra do brinde.

Revista Illustrada, n. 484, impregnada do espirito sempre brilbante de Angelo Agostini e com um texto oscripto com bastante *verve*.

Facho da Civilisação, flamnejante sempre e dando-nos a nota alegre que é a predominante n'aquelles excellentes rapazes que compoem o Club dos Fenianos.

« Resposta do Exmo. Sr. Dr. Ernesto A. de Vasconcellos Obaves, ex-presidente da provincia de Amazonas, ao deputado Clarindo Chaves. »

E' uma questão de administração.

Ramalhete, folba recreativa do Congresso Gymnastico Portuguez.

Veu, como sempre, perfumar o ambiente do nosso escriptorio, embora diga modestamente ás Exmas. Sras. que apenas traz «um resabio da primavera passada.»

Perfumoso eempre, o *Ramalhete*.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 8 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas u. 2.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume : 2\$000.

Constructores de maotasm e aparelbos para lavoura—Seubert Irmãos & Haas. — Juiz de Fóra.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

Dr. André Rangel. — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury Muzambinho— Minas.

Augusto Luzo. — incumbem-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Ouro Fino,

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase pan creatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavaros Paos encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambinho e seu termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Agrimensores. —Dois Agrimensores com grande pratica de trabalhos de Campo encarragam-se de qualquer serviço de sua profissão, tanto fora como dentro desta Côte. Informa-se na *Semana*.

Dr. Aristides Spinola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Rodrigues Lima—Medico parteiro, rua de S. Pedro n. 56.

Dr. Virgilio Gordilho—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Leonel Roza — Advogado. Escriptorio rua do Rozario n. 136.

Dr. Coelho Lisboa—Advogado rua dos Ourives n. 21.

Dr. Ratisbona Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Luiz Murat. — Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Aristides Lobo —Advogado, rua dos Ourives n. 21.

Dr. João Ribeiro — Medico e especialista em molestias de criança e sibilis, rua de S. Amaro n. 18.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado